

Ao amanhecer

Os olhitos abriram-se um pouquinho. Depois piscaram suavemente, ainda ensonados¹. Finalmente abriram-se completamente para o escuro do quarto.

Ainda sem perceber bem, a menina continuou deitada de barriga para cima. Olhou para um lado, para outro, para a frente e para cima outra vez. Continuava sem ver nada, mas à medida que se foi habituando ao escuro começou a conseguir ver aquela luz muito fraquinha que entrava pelas frinchas² das portadas da janela. Entretanto, já podia distinguir a forma da cómoda aos pés da cama, ao lado da secretária onde escrevia as suas letras.

Que estranho, pensou, porque será que já estou acordada? A minha mãe ainda não veio chamar-me... Ainda não deve ser hora de me levantar. E nisto lembrou-se que era sábado e não havia escola. Hoje apenas tinha que fazer os trabalhos que trouxera para casa. Encolheu os ombros ao mesmo tempo que deu uma risadinha. *É só para preencher uma folha com a letra i que é tão fácil!* E como não tinha sono resolveu levantar-se.

Como já conseguia ver alguma coisa nem ligou a luz, antes que acordasse alguém lá em casa. Calçou as pantufas que esperavam ao lado da cama, saiu do quarto e desceu as escadas. Foi até à cozinha onde já havia mais alguma luz e mal entrou sentiu aquele cheiro do borrarho³, da lenha queimada na lareira da noite anterior. O ar ainda estava quentinho.

¹ Com sono

² Sítios por onde passa a luz da janela quando estão as persianas ou portadas fechadas

³ As brasas já tapadas com a cinza

Era o que tinha de bom morar numa casa do campo, onde se podia acender uma boa fogueira na lareira de pedra e ficar ali aconchegada enquanto a mãe e o pai preparavam o jantar. É que o Outono já estava aí em força e o Inverno não tardava a chegar.

A menina puxou então uma cadeira para a janela junto à lareira, subiu e sentou-se sobre os joelhos. Pousou os bracitos no parapeito⁴ e olhou lá para fora. Dodó, o cão, ainda estava a dormir na sua casota. Hoje tinha sido a primeira a levantar-se. Correu o quintal com o olhar e deteve-se⁵ lá mais ao fundo. Bem, afinal parece que também o gato Fitas estava acordado. Sentado em cima do muro parecia olhar lá bem para longe como se prestasse atenção a alguma coisa. Também ela olhou lá para longe. Conseguia ver o vale entre as duas montanhas, embora o verde não parecesse tão vivo como de costume, mas isso era porque ainda havia muito pouca luz. E aí, a menina sorriu ao descobrir que tinha o mesmo nome daquela claridade⁶ que surgia antes do nascer do dia, antes do sol aparecer. Tal como ela, chamava-se Aurora.

De nariz colado ao vidro da janela, Aurora continuou a observar⁷ o vale ao longe, com as nuvens um pouco escuras lá bem acima e aquela névoa abaixo delas que parecia ser uma chuva miudinha.

Entretanto uma luz mais forte começou a surgir entre as duas montanhas. Estava a amanhecer. Um pouco depois a pontinha do sol apareceu e iluminou a cara de Aurora. Os seus olhitos fecharam-se ligeiramente retendo⁸ aquele momento mágico. Mas o melhor estava para

⁴ Parte de baixo da janela, em madeira, onde pousamos os braços quando estamos à janela

⁵ Parou (parou com os olhos, neste caso)

⁶ Luz (luz fraquinha, neste caso)

⁷ Ver

⁸ Guardando

chegar. Com o nascer do sol e com aquela chuvinha que caía lá longe, formou-se um lindo arco-íris que parecia nascer numa montanha e terminar na outra do outro lado. Do vermelho ao violeta, todas as cores apareciam lindas e brilhantes como nunca a menina tinha visto. Maravilhada com aquela estrada colorida desenhada no céu, Aurora piscou os olhos com força quando lhe pareceu ver uma coisa estranha no arco-íris. Espalmou as mãos⁹ na janela e colou ainda mais a cara ao vidro. Os olhos arregalados¹⁰ não acreditavam no que via. “Mas é... é... é um unicórnio!” gaguejou Aurora baixinho sem saber o que pensar. Em cima do arco das cores corria um belíssimo cavalinho branco iluminado pelo sol com o seu lindo chifre em espiral¹¹, o qual brilhava mais que qualquer outra cor naquele céu da manhã. De repente só lhe apetecia estar também naquele arco-íris a correr livremente na companhia do seu lindo unicórnio.

“A minha filha já está a pé?” ouviu-se a voz da mãe da menina. Aurora estremeceu e despertou da maravilha que observava¹² ao longe. Descolou as mãos e a cara da janela e virou-se para a mãe dando-lhe um lindo sorriso.

“Parece que estás a gostar do que vês pela janela...” continuou a mãe espreitando por sua vez lá para fora. “Ah! Um arco-íris! E é lindíssimo! Assim percebo porque estavas tão atenta.”

Aurora olhou novamente para o céu e pôde admirar outra vez o arco-íris que ainda continuava bem colorido. Porém, o unicórnio tinha desaparecido... Entretanto a sua mãe comentou:

⁹ Colocou as palmas das mãos

¹⁰ Muito abertos

¹¹ (ver a imagem no final)

¹² Via

“Sabes que há uma lenda que conta que quando surge um arco-íris há sempre um unicórnio que galopa por baixo dele. Parece que os unicórnios gostam de juntar a sua bondade e pureza com a alegria das cores dum arco-íris. Mas é só uma fantasia!”

É só uma fantasia? pensou Aurora continuando com o olhar pousado naquele conjunto de cores, enquanto o sol brilhava cada vez mais.

Era a primeira vez que tinha sonhado acordada!

